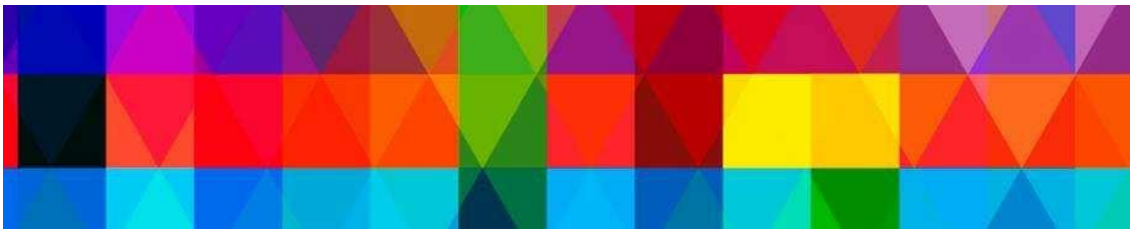


A CHAVE DO ARMÁRIO

Para falar de sexualidade em um país machista e preconceituoso como o Brasil é preciso cautela e, ao mesmo tempo, muita coragem, pois corre-se o risco de ser apontado como pervertido ou, no mínimo, ser alvo de deboches e chacotas.

Afinal de contas já é cultural ouvirmos desde crianças frases do tipo: “chama ele de gay”, “só podia mesmo ser gay”, “cuidado, ali só tem gay”. Então, conclui-se muito cedo que ser homossexual é errado, tóxico e perigoso.

A gente cresce e, juntamente com todas as inseguranças e dúvidas que permeiam a adolescência de qualquer pessoa, percebemos num belo dia que o nosso olhar insiste em não se concentrar na garota mais linda da classe; e, sim, no garoto que não é necessariamente o mais lindo e gentil. E agora?

Às vezes até bate aquela vontade de imitar o comportamento de outro colega que, num ato de coragem, deixa claro para todos a sua verdadeira opção (nesta época ainda nos fazem acreditar que estamos fazendo uma opção).

Porém, ainda somos imaturos e “racionalmente” decidimos que o melhor é nos recolhermos e calarmos para não sermos apontados como estranhos e folclóricos.

Uma postura diferente do “padrão”, nesse momento, poderia ser uma grande loucura ou, no mínimo, constituir um impulso ainda maior para o abismo da solidão que, nesta altura do campeonato, geralmente já se encontra instaurado.

Na escola e na família

O bullying seria inevitável. Com toda certeza em algum momento isto chegaria ao conhecimento dos amigos e da família que, obviamente, deveria dar um “jeito” e lançaria mão dos velhos métodos de tratamento já prescritos (terapia intensiva, expulsão de casa, exorcização, etc.)

A maioria das escolas está preparada para lidar única e exclusivamente com o padrão heterossexual, pelo qual na aula de educação física os meninos jogam futebol e as meninas brincam de queimada. Banheiro de menina é rosa e menino é obrigado a gostar de azul.

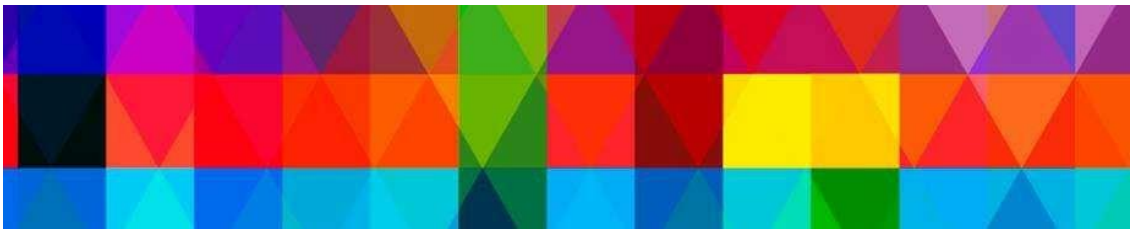
Desta forma, geralmente tirar “A” em todas as disciplinas pode ser uma excelente maneira de justificar o “perna de pau” do futebol ou conquistar algum respeito da turma.

Na idade adulta

Chegamos, enfim, na idade adulta, muitas vezes com medo e sem ter experimentado as inocentes e deliciosas paixões da adolescência; sem roubar ou lhe roubarem o primeiro beijo ou, algumas vezes, vivendo um amor platônico.

Normalmente chegamos vazios, tristes e machucados. Essa ferida começa a se curar quando a maturidade também chega e, de fato, começamos a entender que errado é deixar a vida passar ou quando, na maioria das vezes, os hormônios já aflorados desafiam qualquer tipo de autocontrole.

“Normalmente chegamos vazios, tristes e machucados”.



O direito de ser

Sim, chegou a hora de nos permitir e, por que não, nos dar uma chance. É neste momento que percebemos que não estamos sozinhos, que o “abismo” em que nos encontrávamos já não é tão profundo, escuro e vazio; que possuímos a capacidade de amar e ser amado. E isto é muito precioso!

E aí que naquele happy hour com a turma do trabalho o mesmo “menino” não tão belo e gentil que conheceu há anos na escola lhe diz: “eu sempre soube que você é gay, mas sempre te respeitei porque você não parece ser”. Então, é chegada a hora que você poder ser gay, só não pode parecer.

Isso significa não poder ter trejeitos, não poder ser gentil, não poder gostar de beleza e tudo aquilo que foi concebido exclusivamente para o universo feminino. E se ainda insistir nisto terá que escolher profissões destinadas socialmente para o público gay (cabeleireiro, estilista, maquiador, etc.).

Caso contrário vai ter que provar arduamente, muitas vezes com uma exigência mais voraz, que pode transitar no mundo corporativo. Terá que provar que, mesmo sendo gay, pode liderar equipes, pessoas, projetos.

E mais: que sua orientação sexual (esta é a palavra correta) não é uma escolha e sim um detalhe na vida de um cidadão que tem o poder de escolher milhares de outras coisas (o que estudar, onde trabalhar, se vai adotar filhos, casar e até mesmo se quer ou não ser feliz).

Quando você descobre e assume o poder da escolha já está pronto para voos maiores. No entanto, infelizmente isso chega bem mais tarde, quando a maioria das pessoas já se encontra em estágios mais avançados dos seus relacionamentos.

Nesse momento pode ouvir coisas do tipo “depois de velho resolveu sair do armário”. Sim! A saída pode ser involuntariamente tardia, mas vale lembrar que a chave, na maioria das vezes, está nãos mãos de uma sociedade ainda preconceituosa e machista.

Texto escrito por Roberto Matias, em colaboração ao Sitipan.

SITIPAN
Rua Curitiba, 169, 13º andar - Centro, Belo Horizonte/MG
(31) 3229-2129
www.sitipan.com.br // facebook/sitipanmg